

CORREIO BRAZILIENSE

10 JAN 1969

Um partido e seu governo

O novo Ministro da Fazenda manifesta seu desejo de visitar o deputado Ulysses Guimarães, no início da semana, a fim de expor os seus pontos de vista sobre a política econômica e a negociação da dívida externa. Ao mesmo tempo, vai-se colocar à disposição do PMDB e da Câmara dos Deputados para responder às dúvidas e indagações dos parlamentares peemedebistas.

Trata-se de iniciativa digna de aplauso, quando se sabe que Mailson da Nóbrega é um apolítico e apartidário, que tem prestado serviços à administração do País, no setor fazendário, sem outro objetivo que não fosse o de ser útil nas diversas funções que ocupou. O PMDB, como se sabe, não quis, como partido, assumir a responsabilidade de indicar ao Presidente da República nenhum membro de seus quadros para assumir a vaga aberta com a renúncia de Bresser Pereira.

E de se esperar que, agora, o PMDB, pela voz de seu presidente, compreenda que a abstenção de indicar o sucessor do ex-ministro Bresser Pereira não pode significar alheamento com relação aos destinos do Governo e da política econômica. Parece até pleonasmo vicioso ter de lembrar ao PMDB que o partido tem 305 dos 459 constituintes, 16 dos 23 ministros do governo Sarney e 22 dos 23 governos estaduais. Em uma palavra: o PMDB é governo, em proporção talvez nunca vista antes no Brasil, pois não se pode comparar o PMDB atuante

te dessa quadra democrática com a Arena submissa do passado.

É perfeitamente natural, portanto, que o grande partido majoritário tenha plena consciência de seus deveres e do grau de seu engajamento na situação atual do Brasil. A ambigüidade e a dubiedade de muitos peemedebistas, que ora gostam de ser governo — como no auge do Plano Cruzado — e depois preferem ser oposição, não podem prevalecer indefinidamente. Até porque, em última análise, o presidente Sarney, que é o supremo condutor da política econômica e social, é também um membro do PMDB.

Dentro da natureza fluida da atividade política, é até possível acontecer que o PMDB acabe se aproximando mais de um ministro da Fazenda apolítico e apartidário do que de um Bresser Pereira ou Dilson Funaro, como se viu no passado recente. A sua condição de técnico deixa Mailson da Nóbrega desarmado diante do PMDB, mas é uma credencial limpa e cristalina para o diálogo com Ulysses Guimarães. E de se esperar, portanto, que o PMDB — e não apenas seu presidente — assuma suas plenas responsabilidades como partido de governo e não de oposição. E de seu direito discordar do novo ministro mas não pode omitir-se, como se a política econômica e a renegociação da dívida externa fossem matéria inteiramente alheias ao partido, o que está longe de ser a verdade.